

2

Considerações sobre a repetição em Freud

É sua descoberta inaugural que Freud reafirma com ele [o automatismo de repetição], ou seja, a concepção da memória implicada por seu 'inconsciente'.
J. Lacan¹

2.1

No início eram as lembranças

Para investigar a repetição na psicanálise, pode-se tomar um rumo que interroga as próprias origens do percurso freudiano.

Jacques Lacan, psicanalista que interveio de forma determinante no campo psicanalítico estabelecido a partir de Sigmund Freud e escolhido para balizar nosso trajeto, inclui a repetição no rol dos conceitos ditos fundamentais (Cf. Lacan, 1985b). Não é preciso confundir fundamento com o que se encontra em uma origem temporal. Pode-se ter um conceito fundamental, por exemplo, como uma espécie de material que faz liga para a constituição do solo da própria experiência analítica.

Entretanto, nossa escolha recaiu, neste primeiro capítulo, em um percurso que vai ao encontro de alguns escritos freudianos a partir do ponto de vista cronológico. Nele, intentamos acompanhar como o conceito de repetição foi se apresentando e a maneira como Freud pôde responder a ele a cada vez.

Já no começo, ao lidar com pacientes histéricas, Freud se deparou com fatos intrigantes e seus escritos não deixam de marcar um testemunho. Seu desafio não foi pequeno, posto que se dedicou àquelas patologias cujas causas impunham à medicina um interessante limite por não serem constatadas como de ordem somática. Não é sem surpresa que Freud inicia seu texto “Sobre o mecanismo

¹ Lacan, 1998, p. 50.

psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar”, de 1893, escrito em parceria com Breuer. Nesse há a indicação de que, através de observações casuais, pôde-se localizar no passado de suas pacientes ocorrências primeiras dos sintomas que lhes afetavam na ocasião do tratamento.

Freud e Breuer verificaram na prática clínica a existência de representações atuando como traumas psíquicos, seja porque a situação não comportava possibilidade de reação adequada (por conta de seu conteúdo), seja por conta do estado psíquico experimentado na circunstância. O trauma agiria, desta forma, como um agente ainda ativo e sua ação independeria da passagem dos anos². Freud então conclui que “*os histéricos sofrem principalmente de reminiscências*” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 43 – grifos do original). Ele e Breuer creditam o efeito patológico das representações traumáticas às hipóteses de que estas não estariam aptas aos estados de associação junto às outras representações ou ainda de que não sofreriam desgastes por meio da ab-reação (Ibid., p. 47).

Há aí uma junção inédita entre uma lembrança do passado e um sintoma no presente. O sintoma apareceria, assim, como uma espécie de *re-apresentação* de algo localizado no passado³. Para lembrar o que não era possível de ser lembrado de forma consciente, um sintoma é criado (Barros, 2005).

A primeira técnica utilizada por Freud refletia a concepção da impossibilidade de que os relatos conscientes dos pacientes pudessem incluir as cenas responsáveis pelo início de seu sofrimento neurótico. Entretanto, era viável localizá-las e a hipnose era o meio pelo qual seu relato tinha a chance de se dar. Esta técnica estava de acordo com a teorização da dissociação da consciência em um estado normal (a consciência) e os chamados estados hipnóides. Tal dissociação seria a base e a condição da histeria (Breuer & Freud, loc. cit.). Estas

² Cabe salientar que o que Freud e Breuer chamam de trauma psíquico decorre não de seu dano físico nem da potência traumática de alguma situação em si, mas do afeto do susto. “Qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como de susto, angústia, vergonha ou dor física – pode atuar como trauma dessa natureza; e o fato de isso acontecer de verdade depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada.” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 41-42).

³ “Onde existe um sintoma, existe também uma amnésia, uma lacuna da memória, cujo preenchimento suprime as condições que conduzem à produção do sintoma.” (Freud, 1910/1996, p. 36)

representações existiam, segundo a hipótese freudiana, dando notícias de uma espécie de funcionamento paralelo⁴ à consciência vigeil:

[...] na histeria grupos de representações que se originam nos estados hipnóides estão presentes e são isolados da ligação associativa com as outras representações, mas podem associar-se entre si, formando assim o rudimento mais ou menos altamente organizado de uma segunda consciência, uma *condition seconde*. Se assim for, um sintoma histérico crônico corresponderá à intrusão desse segundo estado na inervação somática, que, em geral, se acha sob o controle da consciência normal. (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 50-51 – grifos do original)

Com o uso do método catártico⁵ seria possível eliminar os sintomas através da restituição do afeto que lhe era adequado e que não pudera se realizar na época de seu acontecimento. Dessa forma, a inserção da representação não ab-reagida à cadeia associativa justamente “[...] *ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala*” (Ibid., p. 52 – grifos do original) garantiria a remissão sintomática⁶.

Neste primeiro momento, Freud propunha a idéia de que as lembranças determinantes aos fenômenos histéricos persistiam de modo vivo e vigoroso. Entretanto, foi preciso um percurso clínico e metodológico para fazer dessas hipóteses o passo inaugural da psicanálise.

2.2

As lembranças e seu núcleo

Freud foi levado a reconsiderar sua aplicação do método catártico. Seu auxílio chegava a um certo limite, tanto em termos clínicos quanto teóricos. É o que ele vem assinalar em um texto de 1895, “A psicoterapia da histeria”.

A fim de abordar a dificuldade em submeter alguns pacientes à hipnose, Freud lançou a hipótese, a partir desse escrito, de que haveria a ação de uma

⁴ Veremos adiante que se coloca para Freud uma impossibilidade de tratar os funcionamentos consciente e inconsciente como paralelos, impossibilidade esta que ganhará contornos metodológicos, transformando-se na chamada regra fundamental da psicanálise, a associação livre.

⁵ O método catártico era imputado a Joseph Breuer – médico com quem Freud dividiu não só a autoria do texto citado como alguns anos de trabalho.

⁶ Uma interessante passagem de Freud e Breuer neste texto aponta para o destino subsequente e específico que Freud dará a esse tipo de vinculação causal entre a lembrança e o sintoma: “Em outros casos a conexão causal não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação ‘simbólica’ entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação do tipo da que as pessoas saudáveis formam nos sonhos.” (Breuer & Freud, 1893/1996, p. 41).

espécie de “objeção psíquica”⁷. Aferrado à procura de lembranças de conteúdo traumático, ele passa a insistir com seus pacientes para que as lembranças que lhes ocorriam durante a sessão fossem relatadas.

Neste momento, Freud cuida de descrever a disposição do material psíquico de forma engenhosa, constituindo três maneiras de organização que circundariam um núcleo “[...] que consiste em lembranças de eventos ou seqüências de idéias em que o fator traumático culminou, ou onde a idéia patogênica encontrou sua manifestação mais pura” (Freud, 1895a/1996, p. 300). São esses símiles que nortearam grande parte de nosso percurso.

Uma das maneiras de organização das lembranças em torno deste núcleo seria como camadas organizadas em ordem cronológica, como uma espécie de arquivo cujas divisões Freud nomeia como “temas”. Sua especificidade na situação analítica seria a de virem à tona de forma invertida – ou seja, a lembrança mais recente seria narrada antes das mais antigas⁸.

Tais temas organizam de uma segunda forma: as lembranças ficariam dispostas em camadas em torno do núcleo segundo sua proximidade com as lembranças traumáticas que nele gravitariam. Quanto mais perto do núcleo, maior o grau de objeção psíquica. A terceira espécie de organização é descrita por Freud constituindo uma espécie de “fio lógico”. Esses fios seguiriam uma trilha irregular, passando da superfície às camadas mais próximas do núcleo em uma espécie de ziguezague. Os fios encontrariam em seu percurso pontos nodais a partir dos quais outros poderiam se unir a eles. Ao contrário das duas formas de organização mais fixas precedentes, este fio tem um caráter dinâmico:

[...] o curso da cadeia lógica teria de ser indicado por uma linha interrompida, que passaria pelos caminhos mais indiretos, indo e vindo da superfície até as camadas mais profundas, e contudo, de modo geral, avançaria da periferia para o núcleo central, tocando em cada ponto intermediário [...] (Ibid., p. 302)

Deparamo-nos então com um desenvolvimento de Freud acerca dos símiles de suma importância: o núcleo funciona como um centro cuja função é emblemática, pois serve como ponto de organização para o material de lembranças ao mesmo tempo em que reage com aversão quando se tenta adentrá-

⁷ Que será tratada de modo mais específico com a idéia de defesa, trazida adiante ainda nesse capítulo.

⁸ Trataremos mais detidamente deste ponto em nosso segundo capítulo.

lo: “[...] *é inteiramente irrealizável penetrar no núcleo da organização patogênica*” (Ibid., p. 304 – grifos do original). Assim, uma representação não seria em si patógena, mas sua relação com o núcleo é que a faria possuir essa propriedade⁹. O relato dos pacientes é incapaz de fazer deste núcleo um conteúdo para mais um relato. Nem emocionante, passional ou violento: ele não se converteria em conteúdos, mas organizá-los-ia em torno de si.

É orientado por este núcleo que Freud dá uma importante indicação do trabalho do analista. Enquanto o paciente deslindaria as periferias das camadas, recorrendo a outros fios lógicos menos penosos, a tarefa do analista seria a de incidir “radialmente”, da periferia em direção ao núcleo (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 304). Seria, portanto, a esse núcleo que o analista deveria visar a fim de obter algum efeito com relação ao sintoma. É assim que Freud situa paradoxalmente na raiz do problema a possibilidade de sua solução.

Uma das conseqüências dessa montagem é a sobredeterminação¹⁰. Freud passa a tomá-la como traço essencial da formação dos sintomas ao invés de manter a crença de que haveria, ao menos na histeria traumática, uma causalidade direta entre cena traumática e sintoma.

Não devemos esperar encontrar uma lembrança traumática *única* e uma idéia patogênica *única* como seu núcleo; devemos estar preparados para *sucessões* de traumas *parciais* e *concatenações* de cadeias patogênicas de idéias. (Ibid., p. 300 – grifos do original)

Freud articula na elaboração desses símiles uma montagem que dá conta dos rumos das associações. A presença deste núcleo, que figura uma espécie de ponto cego na cadeia associativa, responde pela impossibilidade de se traçar uma conexão direta entre uma cena e um sintoma. A partir do núcleo, é possível situar uma extensa trama dos fios lógicos, uma rede feita de encontros e desencontros de tais fios em pontos nodais. Nesse sentido, Freud descreve o trabalho do analista

⁹ É o que Freud aqui tenta esboçar: “Ora, se eu pudesse fazer com que parecesse provável que a representação se tornara patogênica precisamente em conseqüência de sua expulsão e de seu recalçamento, a cadeia pareceria completa [a cadeia explicativa da dinâmica de expulsão de uma representação incompatível ao ego].” (Freud, 1895a/1996, p. 284)

¹⁰ “Ele [o médico] está ciente do aspecto principal da etiologia das neuroses – que sua gênese é, em geral, sobredeterminada, que vários fatores precisam reunir-se para produzir esse resultado; e

em deslindar a cadeia associativa de acordo com um ritmo irregular, que tem a ver precisamente com o caráter imputado por tal núcleo:

[...] obtemos informações preliminares sobre o conteúdo das camadas seguintes por meio da técnica da pressão; abandonamos fios e os retomamos; seguimo-los até os pontos nodais; constantemente voltamos atrás; e toda vez que perseguimos um acervo de lembranças, somos conduzidos a algum desvio que, não obstante, termina por confluir para o fio inicial. (Freud, 1895a/1996, p. 307)

Uma das conseqüências importantes dessa montagem é também a impossibilidade de traçar uma linha distintiva e sólida entre os funcionamentos consciente e inconsciente, tomando-os como paralelos. Os fios lógicos não se diferenciam quanto a este caráter. A diferenciação com relação aos estados consciente e inconsciente encontra-se muito mais ligada ao grau de proximidade com o núcleo patogênico (Cf. *Ibid.*, p. 312).¹¹

O engenhoso esquema desses três símiles nos coloca algumas perguntas norteadoras para nosso percurso: como estabelecer a origem deste ponto? Se não pode ser apreendido como conteúdo, do que ele se constitui? E qual sua relação com a cessação do sintoma?

2.3

No encaço de um método

Neste mesmo texto, “Psicoterapia da histeria”, Freud passa a tratar as outras neuroses sob o modelo da histeria. Desta forma, ele amplia a noção de que haveria um outro estado mental que não a consciência, alargando o funcionamento do esquema dos símiles acima descrito para outros quadros clínicos.

Freud parte da hipótese de que os fatores sexuais seriam imprescindíveis à etiologia das neuroses. E mais, a própria forma de encontro do sujeito com o sexual daria conta da distinção de seu quadro neurótico perante os outros (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 273). Trata-se, portanto, de elevar a um alto grau de importância à concepção da etiologia sexual das neuroses, já que seria através dos modos de resposta do sujeito ao sexual que se poderia situar sua neurose.

poderá ter esperança de que essa convergência não se repita de uma só vez, mesmo que alguns fatores etiológicos individuais permaneçam atuantes.” (Freud, 1895a/1996, p. 278)

¹¹ Cabe ainda salientar que diversas vezes Freud rechaça o argumento segundo o qual haveria uma inteligência inconsciente capaz de, apenas ela, manter e gerenciar o funcionamento das lembranças

[...] a sexualidade não intervém simplesmente como um *deus ex machina* que se apresentasse uma única vez em algum ponto da engrenagem dos processos característicos da histeria, mas que fornece a força impulsora para cada sintoma singular e para cada manifestação singular de um sintoma. (Id., 1905/1996, p. 110)

Se o fundamento sexual da neurose determina não só sua origem, como também está concernido em cada manifestação sintomática, podemos tentar aproximá-lo do núcleo patogênico do qual falávamos com os símiles freudianos. O fato de que é no encontro com o sexual que Freud localiza a resposta que determinaria os traços sintomáticos e o quadro do sujeito supõe com o núcleo patológico, também organizador do material associativo e responsável pelos efeitos no sintoma, uma íntima semelhança. Nossa aposta, na leitura lacaniana de Freud, é que podemos relacioná-los a ponto de tomá-los como nomes que convergem para um mesmo destino, o de falar do que se impõe como traumático.

Ainda sobre o núcleo patogênico, Freud lança mão da hipótese da defesa. A força atuante à época do surgimento do sintoma continuaria a operar depois do estabelecimento deste, oferecendo resistência à volta da representação patológica às associações. Freud assinala o estabelecimento de um conflito relacionado à conformação egóica – cuja disposição é que se mantenha como tal –, e a força da representação patogênica para se fazer representar na cadeia associativa (Cf. Freud, 1985a/1996, p. 284).¹²

A rememoração das lembranças fica, desta forma, a mercê não apenas da atividade da memória entendida como função, mas ao grau de proximidade da lembrança com relação ao núcleo patogênico. Frente ao perigo do surgimento de uma sensação de desprazer pela incompatibilidade da lembrança com o ego, haveria uma espécie de recuo do material (Cf. Ibid., p. 281).

Até este ponto vimos que Freud situa o sintoma como uma espécie de reatualização das lembranças patogênicas. Se, de início, ele encontrava por meio

patogênicas (Cf. Freud, 1895a/1996, p. 289), ou ainda a existência de uma espécie de segunda personalidade que respondesse pelo inconsciente (Cf. Ibid., p. 300).

¹² Importante é atentar para a observação acurada de Freud segundo a qual o conflito não se estabelece por uma oposição de conteúdos, mas pelo caráter irreconciliável do que ele chama de pensamento inconsciente em um primeiro momento com a montagem egóica: “Os conflitos psíquicos são excessivamente freqüentes; observa-se com muita regularidade o esforço do eu para se defender de recordações penosas, sem que isso produza a divisão psíquica. É forçoso, portanto, admitir que outras condições são também necessárias para que do conflito psíquico resulte a dissociação.” (Freud, 1910/1996, p. 40-41) O que se mostra como irreconciliável ganhará outros

da hipnose uma espécie de funcionamento paralelo à consciência, com o método da pressão na testa (bem mais próximo ao da associação livre) a ligação entre os dois tipos de funcionamento ganha um importante caráter dinâmico – o que pode ser acompanhado no próprio esquema desses símiles de 1895. Através dele tem-se a existência de um núcleo patogênico, ponto que nos interessa de perto, pois é justamente em seu entorno que se organizam os pensamentos e as lembranças. As cadeias próximas ao núcleo são as que nos importam e é através delas que se obteria efeito sobre o sintoma.

Um outro nome para este núcleo poderia ser o sexual. É como fruto do encontro com o sexual que Freud aponta o estabelecimento da etiologia das neuroses e sua presença tanto é traumática para o sujeito quanto organiza e sustenta as redes de suas associações.

Como vimos anteriormente, esse núcleo psicogênico nos deixa com algumas perguntas acerca de sua origem, de sua constituição e de sua relação com a cessação do sintoma, posto que é trazendo-o ao centro da cena que alguma mudança parece se efetivar. Ampliando este esquema em que desenha o núcleo patogênico para outros quadros clínicos e supõe a etiologia sexual às outras neuroses, Freud nos faz ainda mais curiosos acerca deste ponto. Faremos dele nossa partida e nossa chegada em alguns textos de Freud a fim de encontrar o que está em questão com relação à repetição. Já podemos entrever que é para um certo limite entre este núcleo e sua encarnação como lembrança a mais que a repetição vai apontar, como veremos adiante.

O estatuto da memória, com Freud, não tem mais as características de uma função neurológica, mas funciona como uma montagem dinâmica que seria organizada por um ponto cego. A conformação egóica estaria assim regida por um mecanismo através do qual as representações ligadas a este núcleo permanecessem a uma certa distância da consciência enquanto proporcionaria um fluxo contínuo das associações dele mais alheias. O sintoma surgiria através da tentativa de aproximação do ego feita por uma destas representações patogênicas. Assim, quanto maior o risco de que o sistema seja abalado em sua busca por um certo equilíbrio, maior o repúdio em relação à representação patogênica.

nomes no percurso freudiano. Nossa bússola primeira em direção a este irreconciliável é o núcleo

2.4

Sobre a memória

O passo seguinte de Freud em relação às lembranças com o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, será elaborar de forma mais sofisticada e complexa o sistema pela qual se faz a retenção da memória, assim como o processo ao qual ela está submetida¹³. Restringiremos bastante nosso escopo com relação a este escrito freudiano para assinalar apenas alguns pontos que parecem se articular mais a nossa questão.

Como vimos, a memória para Freud não pode ser entendida como uma função mental, mas depende de uma certa montagem. No *Projeto* ela é tida como a possibilidade de permanência de uma marca no tecido nervoso a partir da passagem da excitação. Dessa forma, trata-se de um sistema que não retorna a um estado primeiro sem que marcas o atravessem e deixem sulcos.

Freud modela seu aparelho a partir da chegada de excitações (Q). Sendo seu objetivo livrar-se delas, ele é regulado pelo princípio de inércia neurônica¹⁴, segundo o qual tal quantidade deverá ser descarregada na extremidade motora. Nesse processo, o aparelho também conservaria algumas vias de escoamento através das quais pôde manter-se mais distante das fontes de excitação (Garcia-Roza, 1998, p. 88).

Como as excitações se dividem quanto a sua origem, podendo ser tanto de ordem externa como interna, o princípio da inércia se coaduna com a lei da constância. Essa visa a retenção de uma quantidade suportável e contínua de Q para que o único meio de descarregar a Q de origem interna – a ação específica – possa ser efetivado¹⁵.

patogênico dos símiles de 1895.

¹³ Como pudemos acompanhar, Freud já se encontra às voltas com a sua prática clínica e é dela que extrai os fundamentos para a elaboração deste escrito, e não da constituição de um aparelho psíquico que siga uma fidelidade anatômica.

¹⁴ Este princípio é salientado mais tarde por Freud como aquele do qual o princípio do prazer é decorrente (Cf. Freud, 1920/1996, p. 19).

¹⁵ “Quando Freud traça o esboço daquilo que pode representar o funcionamento normal do aparelho, ele fala, não de reação específica, mas de ação específica como o correspondente da satisfação. Há um grande sistema por trás dessa *spezifische Aktion*, pois justamente ela não pode corresponder senão ao objeto reachado. Esse é o fundamento do princípio da repetição em Freud [...] A essa *spezifische Aktion* faltará sempre alguma coisa.” (Lacan, 1988, p. 56). Em nossos próximos capítulo nos aproximaremos do estatuto desse objeto a ser reachado.

Freud faz uma divisão entre dois sistemas de neurônios: *fi* e o *psi*¹⁶. O primeiro sistema é constituído de neurônios condutores de excitação por sua própria localização, sendo responsável pelo recebimento das percepções externas; o segundo, retentor de excitação interna, pela memória. Em linhas gerais, o sistema *fi*, situado mais voltado ao mundo externo, seria aquele exposto a grandes quantidades de excitação. Entretanto, ele seria em parte preservado pelos órgãos dos sentidos. Já os neurônios do sistema *psi* não teriam a mesma proteção, recebendo diretamente as excitações de origem interna e ainda de forma indireta as externas.

Ou seja, há uma exigência de trabalho ao aparelho imposta pelas excitações internas cuja força atua de modo constante e exige escoamento. Para tanto, Freud salientará o papel da *Bahnung*, espécie de trilhamento¹⁷ que oferece uma diminuição de resistência na passagem de energia dentre as barreiras de contato. Lacan ressalta que estes trilhamentos são marcados justamente tendo como fim o prazer:

[...] prazer da facilidade que será retomado como prazer da repetição. A repetição da necessidade [...] só funciona, na psicologia freudiana, como ocasião da necessidade de repetição, ou mais exatamente, da compulsão de repetição. (Lacan, 1988, p. 272)

Já nos deparamos, portanto, com nosso ponto: as *Bahnungen* não se dão como fruto de hábito, mas tanto em sua origem quanto em suas reatualizações o que estariam em jogo seria o prazer por elas veiculado visando o escoamento das excitações. Com isso, Lacan não deixa de salientar que não se trata uma escolha natural ou de ordem salutar, tampouco aquela que se ofereceria de modo mais fácil ao sistema. A partir destas trilhas há um encontro que fomenta prazer e já se faz sentir a incidência do simbólico, a dimensão da linguagem, como veremos adiante.

¹⁶ Freud faz ainda uma terceira distinção, assim como uma distinção interna de alguns grupos de neurônios entre si. Como o intuito de nosso uso deste escrito é limitado, ficaremos apenas com essas duas distinções e as tomaremos em suas formas gerais.

¹⁷ Na *Edição Standard Brasileira* o termo escolhido é *facilitação*. “[...] *Bahnung* é traduzido em inglês por *facilitation*. É óbvio que essa palavra tem um sentido estritamente oposto, *Bahnung* evoca a constituição de uma via de continuidade, uma cadeia, e penso até que isso pode ser aproximado da cadeia significativa, uma vez que Freud diz que a evolução do aparelho ψ substitui a quantidade simples pela quantidade mais a *Bahnung*, ou seja, sua articulação. A tradução inglesa deixa a coisa escorregar completamente.” (Lacan, 1988, p. 53)

Estes caminhos facilitados são responsáveis pela constituição de uma trama de cadeias, fazendo com que haja possibilidade da inscrição de alguns percursos as expensas de outros, não escolhidos. Há, portanto dois registros neste ponto: uma trama de cadeias que marcam percursos possíveis, engendrados com o objetivo de levarem a um certo equilíbrio a partir do escoamento de excitações e que levam, com isso, a obtenção de prazer. Tais percursos contrapõem-se a outros, que mais dificilmente se oferecerão por conta de uma não facilitação das barreiras de contato. Há marcas que são aí traçadas e ficam retidas.

Não teremos como aprofundar a concepção freudiana de *Bahnung* em sua complexidade, entretanto é preciso salientar que com sua ajuda não se trata de constituir uma memória automatizada por alguns percursos, mas da formação “[...] de caminhos privilegiados que se entrecruzam formando uma rede complexa [...]” (Garcia-Roza, 1998, p. 100). Encontramos, assim, mais uma vez a noção de rede. Aqui, esta noção pode servir como uma espécie de complemento, dessa vez de percursos que se constituem à medida que sirvam como possibilidades de escoamento para as excitações. No esquema dos símiles há também a formação de redes de fios lógicos.

Tais caminhos seriam conservados à medida que funcionassem como vias de interrupção da excitação, ocasionando descargas. Ademais, Lacan nos adianta que não se trata de nada que se aproxime do hábito no que concerne aos trilhamentos demarcados por Freud, mas do prazer que pode ser aí engendrado a ser retomado como prazer da repetição (Cf. Lacan, 1988, p. 272).

2.5

Traços e estrutura

No aparelho proposto por Freud, a partir das *Bahnungen*, Lacan supõe a formação destas trilhas como marcas retidas das quais se deprenderiam traços. O sistema, dessa forma, supõe que haja a transformação dos traços obtidos através delas em uma espécie de sistema de diferenças binário, efeito do fato de que há marcas em algumas passagens e em outras não. Para isso, corroboram a facilitação, a magnitude da impressão, assim como a própria repetição de tais trilhas.

Lacan indica também a função estruturante da linguagem que o aparelho comporta. Freud assinala que alguns objetos responsáveis pela sensação de dor “fazem gritar”. Ele ressalta a associação de um som com a imagem perceptiva:

Numa situação em que a dor impede o recebimento de boas indicações da qualidade do objeto, a *informação sobre o grito do próprio sujeito* serve para caracterizar as lembranças que provocam desprazer e para convertê-las em objetos da atenção: está criada a primeira categoria de *lembranças conscientes*. Pouco falta agora para inventar a fala. (Freud, 1895b/1996, p. 421 – grifos do original)

O grito, então, vem presentificar o objeto para a consciência e traçar uma marca, inaugurando o registro das lembranças em termos do que poderemos chamar, com Lacan, de significantes¹⁸. Os significantes, para Lacan, são os suportes materiais das palavras. Estas, decompostas em unidades mais simples, os fonemas, podem ser tomadas, a princípio, como oposições que engendram um sistema ou uma rede de diferenças. O grito então cria ao mesmo tempo um som e sua ausência; em um mesmo gesto ele descortina silêncio e som, dando origem a uma oposição que não é feita pelo sentido, mas por uma pura diferença¹⁹. É, pois, através deste grito que um objeto poderá passar a existir.

A assunção dessas marcas que constituem esse sistema de oposições no aparelho psíquico comporta uma dimensão estruturante da linguagem a qual Lacan não deixa de passar anos de seu seminário assinalando.

Vimos então que desde as origens da psicanálise Freud se ocupa dos mecanismos que regem o funcionamento da memória e das lembranças às quais os relatos de seus pacientes estão em grande parte referidos.

Pudemos, até este ponto, acompanhar a mudança do método catártico – e a concepção de memória aí presente – à associação livre, momento de uma das importantes viradas de Freud. Em decorrência dela, Freud tece seus símiles e a

¹⁸ “Esse algo permaneceria obscuro e inconsciente se o grito não lhe viesse conferir, no que diz respeito à consciência, o sinal que lhe confere seu valor, sua presença, sua estrutura – da mesma feita, com o desenvolvimento que lhe é conferido pelo fato de que os objetos mais importantes em questão para o sujeito humano são objetos falantes, que lhe permitirão ver, no discurso dos outros, revelarem-se os processos que habitam efetivamente seu inconsciente.” (Lacan, 1988, p. 45)

¹⁹ “O ser humano não está, como tudo nos leva a pensar que o animal está, simplesmente imerso em um fenômeno de alternância do dia e da noite. O ser humano põe o dia como tal, e com isso o dia vem à presença como dia – contra um fundo que não é um fundo de noite concreta, mas a ausência possível de dia, onde a noite se aloja, e inversamente aliás. O dia e a noite são muito cedo códigos de significantes, e não experiências.” (Lacan, 1985c, p. 172). Para este ponto, cf. também Lacan, 1986, p. 281.

hipótese da defesa como parte inerente ao tratamento. Para nós esta consequência, a noção de defesa, será importante por demarcar a articulação entre núcleo patológico e os fios lógicos que estão concernidos neste sistema freudiano. Lacan toma o papel da defesa como resistência do que não pode ser totalmente encoberto pelo símbolo, mas que se encontra articulado a ele (Cf. Lacan, 1988, p. 43).

É porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como tendo uma estrutura de linguagem. (Lacan, 1988, p. 47)

Os fios lógicos articulam idas e vindas com relação a este núcleo patogênico. Através deste desenho, que compõem o próprio relato do paciente, é possível acompanhar o que se apresenta mais perto deste núcleo, através de uma espécie de edição:

Mas se examinarmos com visão crítica o relato que o paciente nos fez sem muito esforço ou resistência, nele descobriremos infalivelmente lacunas e imperfeições. Em determinado ponto, a seqüência de idéias será visivelmente interrompida e remendada da melhor forma possível pelo paciente, como um recurso de linguagem ou uma explicação inadequada; noutra ponto depararemos com uma motivação que teria de ser descrita como débil em uma pessoa normal. (Freud, 1895a/1996, p. 305)

Com a noção de *Bahnung*, Lacan aproxima esses traçados do sistema de diferenças e oposições a de um sistema linguageiro. Os percursos que fomentam redes são escolhidos em relação a outros, virtualmente possíveis, mas que não se configuraram como possibilidades naquela montagem.

Com o auxílio destes dois sistemas, chegamos a algumas conclusões importantes acerca de como se tramam os caminhos de fala que se colocam para um sujeito em uma análise. Primeiro concluímos que, decorrente do princípio do prazer, há certos trajetos da fala que são eleitos em detrimento de outros. Estes ocasionam uma certa montagem que se relaciona ao que aparece como excedente (seja a pouca distância com o núcleo patogênico, seja a magnitude das excitações). Tal excedente, com Freud, ganha o nome de sexual. Sem ele, como situa Freud no *Projeto*, não há sistema; é preciso guardar um pouco de excitação para que o processo de escoamento e a ação específica, única saída possível para a liberação das excitações internas, possa ocorrer. É preciso, portanto, um certo grau de distância e proximidade, o que é também representado nos símiles da mesma época: longe do núcleo patogênico, a fala do analisante não resulta em mudanças

no sintoma; perto demais, não há fala possível, o fio lógico é remetido a um nó que forma um encontro deste com outros fios, e um dos outros é tomado.

O que podemos também retomar com o auxílio do *Projeto* é que essa montagem, mesmo dinâmica, tem uma espécie de permanência por ocasionar satisfação com o escoamento de excitações. As *Bahnungen* constituem percursos facilitados de escoamento de energia que, justamente por uma certa permanência, articulam-se como traços, remetendo ao que Lacan aponta como oposições significantes. Com a observação de Freud acima, a que relata uma espécie de fratura no discurso do analisante, podemos também apontar, com relação a permanência da montagem, que tais fraturas se darão, de certa forma, em alguns determinados lugares. Desta maneira, o que era aleatório ganha uma regularidade, passando a ter uma inscrição a ser retomada²⁰. Nesses encontros, fraturas do discurso, como vimos com a passagem de Freud, não é com um além da linguagem que encontraremos, mas com algo que nela se inscreve como seu avesso, como aquilo que do encontro entre fio lógico e proximidade com o núcleo se produz. Para prosseguir em nosso caminho, vamos tomar como um dos nomes do que o discurso pode encampar a memória e como trauma um encontro com um excedente sexual que produz uma cicatriz no próprio discurso.

Podemos aproximar o que aí se estrutura da constituição dos sonhos. Produção de linguagem, eles não deixam de ser motivados por algo que se encontra, parafraseando Drummond, “[...] por baixo do sono, atrás da lembrança” (Andrade, 2001, p. 35). É justamente ao que Freud aponta nesta bela passagem sobre o umbigo do sonho:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente

²⁰ “[...] é na medida em que a estrutura significante interpõe-se entre a percepção e a consciência que o inconsciente intervém, que o princípio do prazer intervém, não mais enquanto *Gleichbesetzung*, função da manutenção de um certo investimento, mas na medida em que ele concerne às *Bahnungen*. A estrutura da experiência acumulada reside aí e permanece aí inscrita.” (Lacan, 1988, p. 67)

fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio. (Freud, 1900/1996, p. 556-557)²¹

Continuamos nosso percurso neste momento em direção a uma importante virada teórico-clínica de Freud. Ocorre que a experiência traumática traz a tona o excedente do qual falamos, mas de forma não passível de eliminação e retornando de maneira paradoxal. Se antes o sintoma resultava em um arranjo a partir do que chamamos de fraturas do discurso, que se faria representar na consciência de forma cifrada, a partir de 1920, Freud passa a teorizar outras configurações de sua presença. Para demonstrá-las, ele reunirá observações clínicas que se apresentam pouco a pouco em seus escritos.

Trataremos agora de salientar a mudança que ocorre em 1920, no texto “Além do princípio do prazer”. Neste, Freud elabora uma retomada de vários pontos presentes no *Projeto*, e constitui uma espécie de rol destas situações as quais o princípio do prazer parece atuar de forma não inteiramente satisfatória em termos de explicação metapsicológica.

Podemos dizer que com o mecanismo da repetição, Freud lida com uma perspectiva de passado não como a ser evocado, mas que age na atualidade e que conta, no dispositivo, com a intervenção do analista²².

2.6

Um princípio e seu além

Os textos de Freud encontram-se repletos de idas e vindas, partes revisadas após anos de sua escritura. É como hábito que Freud retorna para fazer avançar. No contexto dos anos 20, mais uma vez ele estabelece uma retomada de algumas coordenadas fundamentais em sua teorização. Empreende, desta forma, um cotejo entre o que pressupunha como “uma forte tendência do aparelho psíquico” (Freud, 1920/1996, p. 19) – tendência investigada a partir do *Projeto para uma psicologia científica* e que constitui o princípio do prazer²³ –, e algumas observações que

²¹ Agradeço à Teresa Pinheiro pela indicação dessa passagem.

²² “[...] devemos tratar sua doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual” (Freud, 1914/1996, p. 167); e “a transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para outra é efetuada.” (Ibid, p. 170).

²³ Podemos antever o que desembocará neste princípio já nos *Estudos sobre a histeria*, cf. Freud & Breuer, 1893/1996, p. 216-219.

parecem demonstrar que a abrangência do seu domínio, juntamente ao princípio de realidade, mostrava-se mais relativa do que se costumava pensar.

Tal concepção de Freud será retomada por Lacan a partir, primeiramente, de uma prevalência do simbólico. Lacan propõe que desde o início Freud está às voltas com o estabelecimento do aparelho psíquico através de mecanismos que regem os significantes.

A função do princípio do prazer é, com efeito, conduzir o sujeito de significante em significante, colocando quantos significantes forem necessários para manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico. (Lacan, 1988, p. 150)

Podemos aproximar a cadeia de significantes da rede associativa de Freud. Veremos no segundo capítulo a que espécie de leis de funcionamento o simbólico está referido, como o deslocamento e a condensação, que Lacan retoma sob as figuras de linguagem da metonímia e da metáfora. Essas, por exemplo, podem exprimir os princípios sob os quais os elos intermediários vinculam as lembranças que podem ser lembradas daquelas mais próximas ao núcleo patogênico. É de acordo com esse tipo de funcionamento baseada na materialidade das palavras e não em seu sentido, e na ligação que pode se dar entre elas que a associação livre, como método, aponta (Cf. Lacan, 1958/1959, lição de 14 de janeiro de 1959).

Ele [Freud] descobre o funcionamento do símbolo como tal, a manifestação do símbolo em estado dialético, em estado semântico, nos seus deslocamentos, os trocadilhos, os chistes, gracejos funcionando sozinhos na máquina de sonhar. E ele tem de tomar partido frente a esta descoberta, aceitá-la ou desconhecê-la, como fizeram todos os outros que estavam tão perto dela quanto ele. É uma virada tal que ele absolutamente não soube o que lhe estava acontecendo. Foi preciso que percorresse ainda vinte anos de uma existência já muito avançada no momento desta descoberta, para poder voltar-se para suas premissas, e tentar reencontrar o que isso quer dizer no plano energético. Eis o que lhe impôs a elaboração nova do além do princípio do prazer e do instinto de morte. (Lacan, 1985a., p. 101)

É isso que traça um caminho possível desde o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, até este texto de 1920. Se, no primeiro, Freud confere um caráter fisiológico e aparentemente naturalista ao aparelho que constrói, isso se faz conforme uma filiação à ciência da época (Cf. Assoun, 1983) – o que não retira do esquema aí desenhado seu valor. Entretanto, o que já se coloca em jogo, Lacan nos faz notar, é a tentativa de Freud de dar conta da relação entre o inconsciente e o simbólico, no que diz respeito ao estabelecimento do aparelho

psíquico, cuja função fundamental não é calcada na consciência, mas na constituição da realidade e no que nela se apresenta.

Para tanto, Freud estabelece primeiramente dois princípios sob os quais a atividade psíquica se estruturaria: trata-se do já citado princípio do prazer e de sua gradual e incompleta substituição pelo princípio de realidade. O princípio do prazer regula uma certa quantidade de excitações e sua dinâmica no aparelho psíquico.

Essa lei fixa o nível de uma certa quantidade de excitação que não poderia ser ultrapassada sem transpor o limite da polarização *Lust/Unlust*, prazer e desprazer sendo apenas as duas formas sob as quais esta única e mesma regulação, que se chama princípio do prazer, se expressa. (Lacan, 1988, p. 77)

Como o princípio de realidade pleiteia a adoção de medidas para que a satisfação possa, afinal, ser obtida, não parece se dar uma oposição forte entre esses dois tipos de funcionamento. De fato, Freud estabelece afinidade direta entre ambos:

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a destituição do primeiro, mas sim a garantia de sua continuidade. Desse modo, um prazer momentâneo e incerto acerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido. (Freud, 1911/2004, p. 68)

Este é, portanto, um mecanismo que não chega a ferir o princípio do prazer. Lacan assinala que nessa espécie de continuidade descontínua, há algo que resta, um funcionamento que justamente é responsável pelo que desponta do princípio de prazer e de realidade e que será em 1920 retomado por Freud:

No pareamento do princípio do prazer com o princípio de realidade, o princípio de realidade poderia aparecer como um prolongamento, uma aplicação do princípio do prazer. Mas, opostamente, essa posição dependente e reduzida parece fazer surgir mais além alguma coisa que governa, no sentido mais amplo, o conjunto de nossa relação com o mundo. É esse desvelamento, esse reachado que está em questão no *Além do princípio do prazer*. (Lacan, 1988, p. 31)

Cabe ressaltar que a superposição entre os processos primário e secundário e o princípio do prazer e o de realidade está longe de ser rigorosamente precisa. Estamos aproximando-os neste ponto, tomando o que em um princípio se pode encontrar de forma mais ou menos similar no outro.

[Freud] jamais acreditou que não houvesse princípio de prazer dentro do princípio de realidade. Pois se seguimos a realidade, é justamente porque o princípio de realidade é um princípio de prazer diferido. (Id., 1985a, p. 81)²⁴

Entretanto, tal semelhança não se perpetua em outros âmbitos de seus funcionamentos²⁵.

Até esse momento da chamada “virada dos anos 20”, Freud já havia se deparado com situações em que o princípio do prazer parecia não exercer sua dominância, situações que receberiam um tratamento conceitual distinto, principalmente a partir do texto “Além do princípio do prazer”. Nele, Freud reúne algumas situações nas quais sublinha a possibilidade de se pensar outro tipo de funcionamento que estabelece, este sim, uma diferença fundamental em relação aos anteriores.

Lacan situa, então, a questão que se coloca a Freud neste contexto, da seguinte forma: “Há uma função restituidora, que é a do princípio do prazer. Mas há também uma função repetitiva. Como será que elas se articulam?” (Lacan, 1985a, p. 85).

Como vimos acima, o psiquismo delineado por Freud pressupõe que fios lógicos (nos símiles de 1895) ou as *Bahnungen* (no aparelho do *Projeto*) tracem percursos que se repetem através de uma montagem. Essa montagem resultaria de uma articulação com o que se mostra como excedente que se faz presente, mas de forma velada. O que Freud demonstra em 1920 é uma concepção teórica que dá lugar ao que aparece como excedente de acordo com outras possibilidades de montagem.

Uma das montagens possíveis aparece sob a forma da repetição, espécie de nervo que se impõe a Freud desde seus primeiros escritos. Em uma destas passagens há um vínculo da repetição à transferência²⁶:

São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica

²⁴ Cf. também Lacan, 1985a, p. 112.

²⁵ A formulação deste segundo princípio leva Freud a assinalar aspectos do ego e do estabelecimento de distinções entre o processo primário e o secundário, que carregaria os “resíduos” (Cf. Freud, 1911/2004, p. 65) da dominação do princípio do prazer nas atividades conscientes, o que se pode apontar com as formações do inconsciente, como nomeadas por Lacan.

²⁶ Vínculo a ser retomado por Lacan em seu *Seminário 11* e no qual nos deteremos de forma breve em nosso terceiro capítulo.

(própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. (Freud, 1905/1996, p. 111)

Em 1914, Freud dedica um artigo a uma espécie de compulsão à repetição daquilo que não vem à tona apenas como lembrança, mas como atuação a ser repetida, e no contexto transferencial²⁷ – ou “reprodução no campo do psíquico” (Id., 1914/1996, p. 168). Trata-se do texto “Recordar, repetir e elaborar”. Um certo espanto de Freud se remete ao fato de que a repetição que aí incide não aparece circunscrita pelos mecanismos sintomáticos descritos na *Interpretação dos sonhos*, a condensação e o deslocamento, que demonstrariam um certo trabalho do significante. Que tipo de trabalho encerraria o aparecimento dessa dimensão da repetição? Veremos a seguir com Freud as questões que ele se coloca a partir de 1920, e, em seqüência, em nosso segundo capítulo, o que Lacan herda e elabora destas colocações.

Se no texto de 1914, Freud pontua que há casos em que a lembrança surge como atuação, em 1920 ele assinala que o paciente

É obrigado a *repetir* o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, *recordá-lo* como algo pertencente ao passado. (Freud, 1920/1996, p. 29 – grifos do original)

Até as reformulações da década de 20, entretanto, as observações de tais situações atuadas concerniam mais claramente à evidência de um conflito psíquico entre as pulsões sexuais e as do ego. A exigência pulsional, repelida e recalçada por não se conformar à montagem egóica, como vimos, trilhava caminhos indiretos para obter satisfação, por meio principalmente dos mecanismos de condensação e deslocamento.

Freud, entretanto, se acha cada vez mais em um campo nebuloso à medida que sua investigação focaliza a presença de uma compulsão à repetição que não se vincula a produção de satisfação tal como apontada através da determinação do princípio do prazer:

²⁷ Se, como observamos a partir dos símiles freudianos, a cura está voltada a um manejo com relação ao núcleo patogênico, a função do analista está a ele conectada. A transferência justamente demonstra sua potência ao apontar o analista como uma espécie de elo entre sujeito e este núcleo radical. Portanto, longe de ser uma figura neutra, para que haja análise é preciso que o analista aceite encarnar o que aparece como patológico e que, ao mesmo tempo, garanta alguma possibilidade de mudança.

Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais²⁸ que desde então foram reprimidos. (Ibid., p. 31)

Uma satisfação compreendida pelo comando do princípio do prazer estaria mais ligada ao conflito psíquico e ao que Freud chama de um “comportamento *ativo* por parte da pessoa” (Freud, 1920/1996, p. 33). Entretanto, os sonhos constantes das neuroses traumáticas, assim como os outros exemplos reunidos por Freud nesse escrito, apontam para uma dificuldade em circunscrever a parte que cabe ao sujeito no que o acomete. A questão que nos é colocada é se tal dificuldade se encontra referida a repetição.

Até então era “como se a totalidade de nossa vida mental fosse dirigida para obter prazer e evitar o desprazer” (Freud, 1916-17/1996, p. 359). A neurose traumática demonstra uma espécie de ponto culminante em que a desorganização momentânea das pulsões atinge alto grau, e, nessa situação, mostra-se mais complicado estabelecer as mesmas premissas do conflito psíquico como cernido nas neuroses de transferência. Não se trata propriamente de uma impossibilidade de encontrar um caminho para a satisfação e da tentativa de instaurar outras vias para sua obtenção.

2.7

O sonho traumático e o *fort-da*

Freud demonstra os impasses da clínica ao esbarrar em uma lógica de acontecimentos que não se comportam àquela expressa pelas produções de prazer e desprazer. Não havendo somente uma inversão do que é sentido como prazer e desprazer entre os processos primário e secundário, se torna extremamente necessária a investigação das situações nas quais o que aparece como desprazer em um sistema não pressupõe, na conceituação de Freud, necessariamente, prazer no outro. Ele inicia nesse ponto a articulação de algumas possíveis direções a fim

²⁸ Adotamos a *Edição Standard Brasileira*, editada pela Imago, da obra freudiana. Derivada da tradução americana, marcada por uma tendência ao cientificismo, filiamos-nos aos comentários de Lacan acerca do termo *instinto*. Como ele se depreende de uma noção de adaptação ao que poderia ser considerado natural, seria impossível ligá-lo ao sujeito teorizado por Freud e extraído de sua experiência. Esta, por Lacan relida, é fundada no significante e traz à tona a radicalidade do

de teorizar o que não pôde ser explicado através do princípio do prazer. Há, assim, uma conjunção de casos a partir dos quais, de forma sistemática, Freud postula a possibilidade de uma

[...] função do aparelho mental [...] que, embora não contradiga o princípio de prazer, é, sem embargo, independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer. (Freud, 1920/1996, p. 43)

Se qualquer excitação que aumente a quantidade limítrofe segundo a qual haveria homeostase no aparelho é sentida como causadora de desprazer, como explicar a repetição dos sonhos traumáticos, que trazem à tona situações que em nenhum momento fazem apelo a alguma elaboração onírica demonstrativa da hipótese do sonho como realização de desejo? Não é a toa que Freud faz notar que a própria dificuldade da conceituação da neurose traumática parecia poder trazer algo novo às suas teorizações (Cf. Freud, 1917/1996, p. 282).

A neurose traumática se vincula à categoria nosográfica das neuroses atuais²⁹. Estas se manifestam através de uma sintomatologia predominantemente somática que parece não portar “[...] nenhum ‘sentido’, nenhum significado psíquico” (Id., 1916-17/1996, p. 388). Talvez o que Freud situe neste ponto como sintomatologia de ordem mais somática ou sem significado psíquico seja relacionada ao modo como as redes associativas ou de significantes apareciam articuladas ao núcleo patogênico até então.

Antes, em uma das conferências proferidas em 1916-17, Freud assinala que “é como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda tivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (Ibid., p. 282-283). Trata-se de uma fixação específica, que coloca em cena a situação de horror, em princípio, de forma distinta da que ocorre na histeria, inscrita no sintoma, expondo-se ao deciframento. Se “[...] a repressão é o processo mais característico das neuroses e é de todos os mecanismos o mais característico” (Loc. cit.) para Freud, não é de se espantar que as repetições de experiências que aparentemente não sofrem tanta incidência do recalque sejam por ele qualificadas

conceito de pulsão, que impõe outro tipo de necessidades e circuitos ao sujeito que não o que poderíamos ter como natural. Cf., por exemplo, Lacan, 1988, p. 115.

²⁹ Cf. Freud, 1938/1996, p. 198. Freud assinala uma aproximação por vezes tecida entre as neuroses traumáticas e a histeria. Porém, como seu desencadeamento se dá através da irrupção abrupta de um acontecimento externo, e seus sintomas se apresentam com demasiada frequência concernindo ao plano somático, ela se encontra fortemente ligada à categoria das neuroses atuais.

como “forças demoníacas” (Id., 1920/1996, p. 32)³⁰. A pergunta que o interessou foi, dentre outras, que tipo de trabalho pressupõe essa forma incessante de repetição da situação traumática.

Freud ressalta que não haveria contradição ao princípio do prazer, mas uma inusitada independência de sua dominância pelo fato de que os sonhos não se vinculam claramente à produção de prazer através da diminuição da tensão ou da manutenção da constância, mas antes introduzem novamente, de forma alucinatória, a situação que acarretou o trauma (Ibid., p. 40-43).

Ao contrário dos estados de angústia e medo, que ofereceriam alguma preparação ao sujeito, o susto, *Schreck*, constataria uma não preparação. É esta que parece insistir nos sonhos traumáticos.

Enquanto a ansiedade e o medo deixariam o terreno, de certa forma, mais preparado para o surgimento de uma quantidade mais alta de excitações, formando hipercatexias para receberem a quantidade de excitação de maior magnitude, o susto funcionaria a despeito disso. Dele decorre então uma alta quantidade de excitação e a hipótese de Freud sobre os sonhos traumáticos é a de que

Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática. (Freud, 1920/1996, p. 42)

Freud ainda ressalta que um conflito no ego facilitaria o surgimento de uma neurose traumática, como já havia salientado antes, e que a ocorrência de alguma consequência física relacionada a situação agiria no sentido contrário, impondo uma catexia relativa ao órgão debilitado, dando um direcionamento ao excesso de excitação.

Interessa-nos destacar, para nosso percurso, menos a situação traumática que adicionar ao nosso rol de nomes para o núcleo patogênico, como já o fizemos, o do trauma. Ele parece apontar, como nos indica esse texto de 20, mais uma vez para a manifestação de um excedente. Desta vez, entretanto, Freud indica outra

³⁰ “[...] permitir-me-ei relembrar-lhes a que ponto o pensamento científico e o pensamento teológico puderam estar ocupados, no período que precedeu imediatamente a liberação do homem moderno, com algo que Freud não hesitou em falar e a chamá-lo por seu nome, mas do qual nunca mais falamos, ou seja, aquele que foi designado durante muito tempo como o princípio desse mundo – Diabolus. Simbólico aqui se completa por diabólico – com todas as formas que a predicação teológica articulou tão poderosamente.” (Lacan, 1988, p. 117)

forma de inscrição deste no aparelho psíquico, e a hipótese que daí surge é a da pulsão de morte. Antes, entretanto, verificaremos brevemente outra situação que traz questões semelhantes à primazia do princípio do prazer.

Trata-se da famosa brincadeira do neto de Freud. Este ora afastava, ora aproximava o carretel, produzindo sons subseqüentes a seus movimentos parecidos com *fort* (lá) e *da* (ali). A pergunta de Freud se centra em “como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer?” (Ibid., p. 26).

Freud nos remete a um argumento contrário àquele segundo o qual o propósito da criança aí envolvido seria o de assenhorar-se da experiência de momentâneo abandono da mãe. Tal propósito estaria submetido ao domínio do princípio do prazer e o que está em jogo justamente é a repetição de uma experiência de desprazer.

Qual é então essa função de repetição traumática, se nada, muito pelo contrário, pode parecer justificá-la do ponto de vista do princípio do prazer? Dominar o acontecimento doloroso, lhes dirão – mas quem domina, onde está aqui o senhor, para dominar? Por que falar tão depressa quando, precisamente, não sabemos onde situar a instância que se entregaria a essa operação de domínio? (Lacan, 1985b, p. 53)

Se o princípio do prazer supõe um trabalho da montagem egóica, sempre a ser refeito, nesta articulação entre a rede de significantes e o núcleo como ponto que carrega uma potência de desestruturação, desde o início, não há senhor, mas uma espécie de esforço de coesão do ego em relação a algo que o parasita do qual alguém é mais resultado que dono. Com a hipótese freudiana de que haveria ainda um trabalho anterior à instalação do domínio do prazer, a noção de uma intenção de dominação da experiência é mais refutável.

O prazer, contudo, não estaria completamente ausente nesta experiência. Em seu segundo tempo, o do retorno do objeto, pode-se depreender que o tempo um faz parte de uma tentativa de simbolização do que se ausenta. Instaura-se, assim, um ir e vir que sustenta a própria representação do objeto (neste caso, a mãe do menino) e instaura uma perda. Lacan faz notar em termos radicais que a ordem significante, para fundar-se, não requer qualquer coisa, mas algo que do bebê se destaca, “[...] a automutilação a partir da qual a ordem da significância vai se pôr em perspectiva” (Ibid., p. 63). Lacan também assinala o jogo como uma resposta

possível ao que a mãe desenha como vazio, “*fosso*”, com sua ausência e presença na borda de seu berço.

A intercalação de presença e ausência nos remete diretamente a estrutura referida ao campo do significante, constituído justamente de oposições³¹ a partir das quais pode se dar a produção de sentido.

Freud utiliza ambas as situações precedentes para fazer valer no âmbito do aparelho psíquico as indicações que desde então, vez por outra, dão indícios de um funcionamento que não se desdobra na bipolaridade prazer-deprazer. Para tanto, Freud se pergunta sobre o domínio pulsional: em quê estaria ele envolvido na compulsão a repetição? Tentaremos acompanhar as conseqüências que ele pôde extrair, neste primeiro momento, de um funcionamento para além do princípio do prazer.

2.8

A pulsão de morte

Em uma breve retomada, vimos que Freud elabora nesse texto de 1920 um passo anterior ao predomínio do princípio do prazer do qual a compulsão a repetição seria tributária. Deveria haver antes o estabelecimento de uma conexão das pulsões para a instauração das sensações de prazer e desprazer que passariam a direcionar o aparelho psíquico ao estado de homeostase. Na situação traumática, entretanto, grandes quantidades de estímulo inundariam o aparelho psíquico. O estabelecimento das ligações relativas às pulsões funcionaria de forma independente ao princípio do prazer:

Se assim é, seria tarefa dos estratos mais elevados do aparelho mental sujeitar a excitação instintual que atinge o processo primário. Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuada é que seria possível à dominância do princípio de prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculo. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o. (Freud, 1920/1996, p. 45-46)

³¹ “[...] jogo alternativo, *fort-da*, que é um *aqui* ou *ali*, e que só visa, em sua alternância, ser o *fort* de um *da* e o *da* de um *fort*.” (Lacan, 1985b, p. 63). Retomaremos este ponto e este exemplo no segundo capítulo.

Freud assinala ainda que os investimentos quiescentes (vinculados) definiriam o tipo de abalo do psiquismo em relação ao trauma: quanto mais alta sua magnitude, mais sua força vinculadora atenuaria o dano traumático.

Lacan empreende a releitura dos textos freudianos apontando, no que concerne ao princípio do prazer, a formulação do aparelho psíquico como construída por Freud como uma espécie de máquina simbólica. Entretanto, algo de outra ordem parece despontar entre os sistemas:

Descarga e volta à posição de equilíbrio, esta lei de regulação vale para os dois sistemas, enuncia Freud. Mas da mesma feita é levado a perguntar-se – qual é a relação entre os dois sistemas? Será simplesmente que o que é prazer num é desprazer no outro, e inversamente? Se os dois sistemas fossem o inverso um do outro, deveria chegar-se a uma lei geral de equilíbrio [...]. É aqui que Freud se dá conta de que alguma coisa não coaduna com o princípio do prazer. Ele se dá conta de que o que sai de um dos sistemas – o do inconsciente – é de uma insistência [...] particularíssima. Este sistema tem algo de incomodativo. É dissimétrico, não cola. Algo escapa aí do sistema das equações e das evidências tomadas emprestadas às formas do pensamento do registro do energético tais como foram instauradas em meados do século XIX. (Lacan, 1985a, p. 82)

Freud conceituará, neste ponto, o automatismo de repetição vinculado ao domínio pulsional do aparelho psíquico. As pulsões fariam o mesmo papel das excitações externas. Entretanto, se estas encontram um escudo protetor que as atenua conforme sua magnitude, o aparelho não tem algum mecanismo defensivo atuante no que concerne as pulsões, cujo caráter potencialmente traumático fica, então, evidenciado (Santos, 2002, p. 109). A hipótese de Freud neste escrito é a de que a pulsão também insistiria para voltar a um estado inicial, sublinhando uma espécie de tendência caprichosa ao inorgânico, posto que ela se esforçaria a voltar a esse estado à seu próprio modo (Ibid., p. 111). Freud chama a pulsão que se destina a esta tarefa de pulsão de morte.

Seria a pulsão de morte mais um dos nomes para o ponto cego do aparelho psíquico? Corroborando esta hipótese, Lacan toma a pulsão de morte como “ponto de fuga de toda realidade possível de atingir” (Lacan, 1988, p. 31). A dimensão da compulsão à repetição se faz cada vez mais cerrada na obra de Freud e desemboca afinal na noção de pulsão de morte, traduzida por Freud nesse momento como

insistência que redundava em um retorno ao inanimado, o que a marca mais como uma espécie de movimento que como ente³².

Na base dessa nova conceituação se encontra a hipótese de que, nesse mecanismo, o jogo empreendido em relação às pulsões segue em vias de mobilizar o circuito em direção à obtenção de efeitos no mundo externo, justamente pelo fato das pulsões não poderem ser eliminadas através de um mecanismo de fuga – o que leva Freud a concluir em 1915 que

São as pulsões, e não os estímulos externos, os verdadeiros motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, com sua capacidade de realizações ilimitadas, a seu atual nível de desenvolvimento. (Freud, 1915/2004, p. 147-148)

Entretanto, a descoberta de Freud nos anos 20 é a de que esta espécie de jogo também comporta um relançamento para trás, no intuito de fazer retroceder o aparelho psíquico ao ponto de seu estado primeiro, o de estagnação. Ele, assim, infere, a partir de suas observações clínicas, que a vida segue em direção à morte, e que é através de um movimento conjurado entre pulsões de vida e de morte que cada sujeito se precipita em seu circuito.

É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada. (Freud, 1920/1996, p. 51)

Lacan nos incita a apreender dessas observações de Freud uma espécie de força que coage o animado de volta ao inanimado, que o força até os limites da vida, e não de uma forma qualquer, mas pelos caminhos da própria vida.

É necessário, no entanto, verificar a concepção dualista aí implicada por Freud. No texto de 1920, ele atesta que a diferença entre os tipos de pulsões, as de vida, voltadas aos objetos, e as de morte, devem ser consideradas não sob um aspecto qualitativo, mas topográfico (Cf. *Ibid.*, p. 63). De fato, não há outra energia que sustente o desdobramento da pulsão em pulsão de morte, o que evoca um monismo no plano energético que recupera o caráter não quiescente que marca

³² O que coloca em questão o próprio estatuto da pulsão na conceituação de Freud, tomado por ele mais como uma espécie de mito do qual não se pode abrir mão – conceito fundamental, como indica Lacan no *Seminário 11* – que como realidade sustentável por um cientificismo de laboratório. O conceito de pulsão de morte, em sua radicalidade, intenta exprimir o próprio avesso da realidade.

a teorização da pulsão desde o início (Rudge, 1998, p. 34)³³. Lacan acentuará esse aspecto radical da pulsão ao postular que

A pulsão, como representante da sexualidade no inconsciente, nunca é senão pulsão parcial. [...] Do lado do vivente, como ser que deve ser captado na fala, como alguém que nunca pode enfim advir nela por inteiro, nesse para-aquém do limiar que no entanto não é dentro nem fora, não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado. (Lacan, 1998, p. 863)

A sexuação e a perda que Lacan indica neste momento de seu ensino estão remetidos à entrada do sujeito na linguagem, movimento que instaura o domínio pulsional e retira o sujeito de um suposto plano instintivo derivado de uma necessidade natural que o levaria ao encontro com um objeto plenamente satisfatório. A pulsão, entretanto, em sua existência parcial e marcada por um destino de encontros e desencontros com objetos que não lhe convém naturalmente, posto que ela é uma montagem articulada ao significante, é demonstrada por Freud neste texto em sua complexidade. Sua bipolaridade está sempre em questão, o que delimita um trabalho incansável do sujeito nesta montagem, afastando uma concepção mais simplista segundo a qual a pulsão de vida trabalha visando a construção e a de morte sempre a destruição. Ambas trabalham de forma conjugada. Como a pulsão de morte é o que escapa da representação, no entanto, sua presença é apreendida *a posteriori*, e pode ser compreendida em uma linguagem que difere daquela das formações inconscientes (Cf. Rudge, 1998, p. 36-37).

Vimos neste capítulo inicial os esquemas de Freud com relação ao engendramento das redes associativas que compõe as lembranças a serem rememoradas em análise. Tais esquemas apontam para uma montagem entre discurso e um ponto cego capaz de desestruturá-lo. Pelo prazer que esta montagem veicula, a repetição de significantes se faz presente. Freud situa, no entanto, com a repetição dos sonhos traumáticos, a hipótese da pulsão de morte, que poderia nos levar a uma outra montagem possível da rede significante com o

³³ “[...] a tendência à união [...] nunca é apreendida a não ser em sua relação à tendência contrário, que leva à divisão, à ruptura, à redispersão, e muito especialmente da matéria inanimada. Estas duas tendências são estritamente inseparáveis. Não há noção que seja menos unitária.” (Lacan, 1985a, p. 106)

que nomeamos, com Freud, como núcleo patogênico, sexual e trauma. Desembocamos, assim, na hipótese de um funcionamento anterior ao princípio do prazer, o que instaura importantes redefinições. Ao lado das pulsões dirigidas aos objetos e que também tomam o eu do sujeito como objeto, existiriam as pulsões que trabalham silenciosamente em prol de um retorno ao inanimado. Não estando voltadas a um objeto, navegam pelo aparelho de forma não quiescente, isto é, não conectada, oferecendo um perigo traumático ao aparelho psíquico que não teria mecanismo defensivo contra o que age em seu interior.

Retomaremos essas questões no capítulo dois. Nele, com Lacan, tentaremos deslindar com o auxílio de seus comentários sobre o conto de Edgard Allan Poe, *A carta roubada* e o esquema que traça neste período, o que aparece nestas redes significantes para o sujeito como possíveis e impossíveis através de sua inscrição no simbólico. Deteremo-nos também sobre a questão do que se poderá obter como acaso ao lado desta determinação simbólica que aí se decanta e o que poderá aparecer para o sujeito como fruto da repetição.